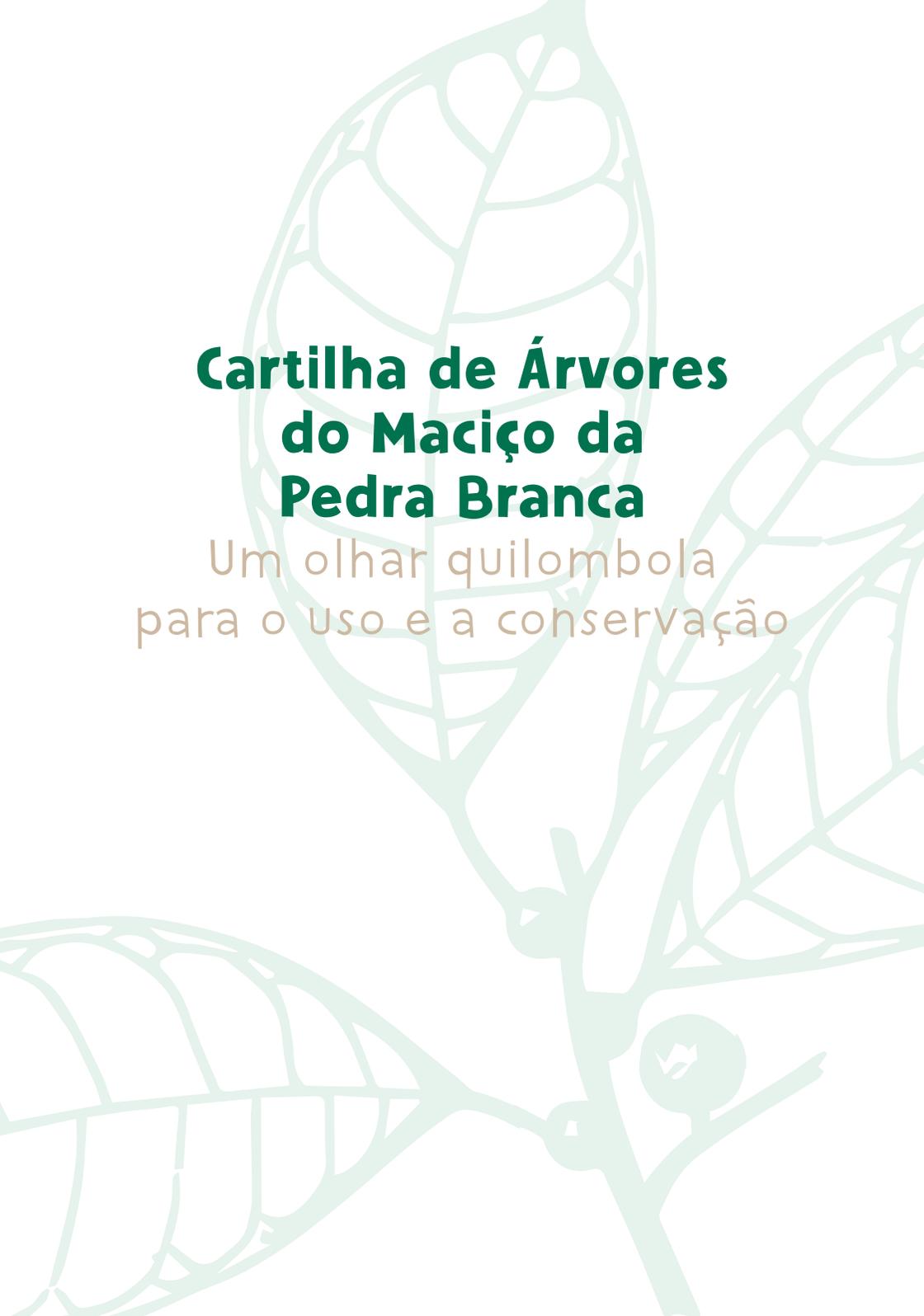


Cartilha de Árvores do Maciço da Pedra Branca

Um olhar quilombola
para o uso e a conservação

PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA



The background of the page features a stylized, light green illustration of a leaf and a branch. The leaf is large and occupies the upper and right portions of the frame, showing a detailed vein structure. A branch extends from the bottom left towards the center, with several small, round buds or fruits attached. The overall aesthetic is clean and naturalistic.

Cartilha de Árvores do Maciço da Pedra Branca

Um olhar quilombola
para o uso e a conservação

A Floresta da Pedra Branca: uma Floresta Cultural

O Maciço da Pedra Branca foi sendo, ao longo do tempo, reconhecido por seu potencial hídrico e, posteriormente, por sua relevância ambiental. O reconhecimento de ambos aspectos teriam sido os motivadores para o estabelecimento de ações de conservação neste território. Entretanto, as bases teóricas e legais que institucionalizaram essas estratégias foram essencialmente preservacionistas. Por muito tempo, as comunidades tradicionais moradoras do maciço foram não só negligenciadas na definição de medidas de conservação mas, ainda pior, expulsas de seu território com a justificativa pautada num ideal de preservação onde a natureza deveria estar intocada, ignorando as complexas interações socioculturais locais.

Nas últimas décadas, foi sendo constatada a importância do etnoconhecimento das populações tradicionais, relacionado às formas de manejo sustentável da terra visando a conservação. Inúmeros campos de conhecimento interdisciplinares entendem a Mata Atlântica, tal como a concebemos hoje, como um documento histórico que evidencia e descreve o produto da interação de seres humanos com o ecossistema.

O termo **floresta cultural** tem sido utilizado para descrever paisagens culturais em ambientes florestais, isto é, florestas cujas estruturas de seus ecossistemas foram produzidas com a participação direta da ação humana. Assim, florestas manejadas por povos e comunidades tradicionais, ecossistemas considerados "naturais" ou "primários", são na verdade resultado de decisões humanas. O reconhecimento das **florestas culturais** põe em xeque a dicotomia espécie nativa × espécie exótica. É necessário superar o "purismo" presente em ideais de conservação ultrapassados e entender que, ao longo de processos históricos, espécies exóticas passam a fazer parte do bioma, integrando-se aos processos ecológicos da paisagem. A floresta conta a sua história por intermédio da flora presente.

Acreditamos que o caminho para um modelo de conservação socioambientalmente justo implica no reconhecimento do papel dos povos e comunidades tradicionais na produção dessas paisagens bioculturais. Assim, cultivar as sabedorias de diferentes produtoras/es de conhecimento sobre os ecossistemas é tarefa urgente, a partir do enfoque científico pautado por uma epistemologia fundada no diálogo de saberes.

É isto que apresentamos nesta cartilha. Aqui, você poderá ver diferentes tipos de conhecimentos sobre as árvores que ajudam a contar a história dessa floresta e das populações que fazem parte dela, que produziram e produzem (n)esse território. A Floresta da Pedra Branca, em meio à segunda maior metrópole do Brasil, nos conta a história de quintais e roças de agricultoras e agricultores quilombolas que resistiram às inúmeras pressões impostas pela urbanização e por um modelo de conservação que promoveu um *memoricídio cultural*, por muito tempo relegando como irrelevante a produção local de conhecimentos e sua transmissão entre gerações. Os diversos valores – instrumentais, espirituais, relacionais – que aparecem nas árvores apresentadas ilustram bem essa floresta cultural e representam a busca por um antídoto contra a amnésia biocultural. Ativar memórias coletivas contribui para a construção de estratégias de conservação adequadas em respeito a diferentes modos de vida.

Sandro Santos, pesquisador e liderança quilombola
do Quilombo Cafundá Astrogilda

Ingrid Pena, pesquisadora e coordenadora
do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

Introdução

Esta cartilha reúne algumas árvores presentes na vida das comunidades que vivem, moram e plantam no Maciço da Pedra Branca. Trata dos usos e também das histórias pessoais, de como essa interação é indissociável.

Pelos caminhos do Sertão Carioca, as árvores oferecem sombra, proteção, alimentos, medicina e reconforto espiritual. Elas enraízam os conhecimentos e as epistemologias quilombolas sobre ecologia e natureza, ao mesmo tempo que nutrem o imaginário popular como entes vivos e atuantes.

No ciclo de vida a longo, médio e curto prazo, elas compõem todo um ecossistema bio-sócio-cultural. No Maciço, elas tiveram e continuam tendo um papel crucial na vida local, tanto na economia, quanto no uso cotidiano de subsistência.

"A partir de 1920, o banco começou a venda, aos lavradores, de lotes que foram transformados em sítios de destinação diversa, de acordo com sua localização. Na vargem, a mata do brejo serviu a indústrias de cestos e tamancos. Nas encostas, a exploração das capoeiras para lenha e carvão teve grande importância para o abastecimento dos fogões domésticos do Rio de Janeiro até 1940." (DE OLIVEIRA, 2010, p. 26)

O manejo feito ao longo do tempo pelas comunidades agricultoras e quilombolas, que até hoje resistem, está diretamente conectado à preservação da fauna, da flora, dos recursos hídricos e das pessoas! Independentemente se essas últimas crescem, vivem e se reproduzem sob as copas de suas árvores ou não, todas e todos dependemos do funcionamento e manutenção do ciclo de vida das árvores e das florestas.

Sob a terra, sigilosamente, raízes se conectam em rede de proteção e comunicação sustentando o solo e as encostas. Tocando o céu, copas são moradia, refúgio e provedoras de

alimentos para toda a vida que delas depende. Insetos, animais, fungos, gente. Enquanto houver mata, haverá vida e recursos para os locais, desde que extraídos de forma sustentável.

"a natureza que carregamos dentro [de] nós é tão importante quanto a natureza que nos cerca, porque a natureza que está dentro de nós é com certeza o motor que dirige nossas interações com a natureza física, neste contínuo processo de transformação homem/natureza." (CRONON, 1996, *apud* DE OLIVEIRA, 2010, p. 43)

Para quem cresceu sob suas sombras, pisando descalça(o) nas raízes expostas, comendo frutos do mato e do pé, conversando com o canto dos passarinhos, a mata tem ainda maior magnitude, sua importância é mais do que vital. Intrínseca à existência, é templo, lar e família. Produz abrigo e alimento, provê a casa e o pão.

"Um informante nos contou que muitas vezes, quando menino, largava os jogos, entrava na mata à noite e deitava-se longo tempo sob as árvores, vendo o céu através dos galhos. A relação de afeto estabelecia-se já a partir do nome dado: 'Nossa matinha.'" (BAZZANELLA; DE GOUVEIA, 2014, p. 51)

Cria-se então uma relação de familiaridade, de afeto e de respeito pelo espaço ao redor, que proporciona cura, alimento, lazer e abrigo; mas também oferece respostas aos mistérios profundos da existência. Lendas, signos e símbolos são traçados então naturalmente, e a mata, pilar da vida, também cresce no mistério e no sagrado.

"Para entrar no mato, ouvimos que deve-se pegar três folhas de qualquer árvore e pedir proteção para si, de modo a não se perder. Segundo nos foi contado, se isso não for feito, o caçador perde o sentido de

orientação irremediavelmente ao passar por cima de determinados cipós. Perguntado, o informante não pôde dizer se isso acontece com algum cipó específico, mas acha que não, que isso independe da planta, segundo contou seu pai. Isto corresponde ao que dizem em Vargem Grande quando os moradores afirmam que 'tudo tem dono' e é preciso saber lidar com a natureza, pedir licença e respeitá-la, principalmente se precisamos fazer algo no mato a noite." (BAZZANELLA; DE GOUVEIA, 2014, p. 65)

"Demarcar um espaço sagrado por meio de alguma forma cultural à natureza é construir a ideia de uma passagem para a aproximação a Deus, e tem o mesmo valor simbólico que a construção de um templo. Falar de espécies sagradas na floresta é transportar para lá a sacralidade do templo, da casa e da comunidade" (DE OLIVEIRA, 2010, p. 21)

Assim, a relação de cura física com a mata se dá também através da cura espiritual. Não somente se recorre à extração e uso dos elementos encontrados, mas criam-se rituais para desfazer o mal invisível, manifestado no corpo, contudo com origens extrafísicas, sejam emocionais, psicossomáticas ou espirituais.

"Foram citados dois casos na Restinga, ambos relativos à cura de problemas no andar ou nos pés. O primeiro consiste em colocar o pé da pessoa de encontro a uma árvore, desenhar ali o pé, cortar e retirar a casca da árvore. Quando a árvore estiver cicatrizada o doente terá sarado." (BAZZANELLA; DE GOUVEIA, 2014, p. 61)

Este é um pequeníssimo extrato da riqueza biocultural das comunidades quilombolas e agricultoras do Maciço da Pedra Branca em relação a como interagem com a mata e suas árvores, seus saberes, suas histórias. Construído a partir de um levantamento cotidiano, simples e afetuoso, na vivência

e convivência do projeto, ao longo de encontros, escutas e trocas em oficinas e mutirões, compilamos e registramos informações sobre árvores que estão na memória coletiva e na epistemologia quilombola das comunidades, e nos foram contadas, principalmente por Adilson Almeida, Sandro Santos, Tati Mesquita, Paulinho Martins, Adilson Júnior e Maria Lúcia Mesquita.

Esperamos que possa aproximá-lo(a), caro(a) leitor(a), do universo fascinante e mágico das árvores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. Rio de Janeiro, 2014.

DE OLIVEIRA, R. R. As marcas do homem na floresta. História ambiental de um trecho urbano de mata atlântica. Editora PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2010.

Sumário

USOS CULINÁRIOS, MEDICINAIS E ESPIRITUAIS

Aroeira (<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi)	12
Árvore-do-pão (<i>Artocarpus altilis</i>)	13
Cambucá (<i>Plinia edulis</i>)	14
Carobinha (<i>Jacaranda caroba</i>)	16
Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)	17
Figueira Branca (<i>Ficus guaranitica</i>)	18
Goiabeira (<i>Psidium guajava</i> L)	20
Jatobá (<i>Hymenaea courbaril</i>)	21
Jaqueira (<i>Artocarpus heterophyllus</i>)	22
Laranja-da-terra (<i>Citrus aurantium</i> L)	23
Pata-de-vaca (<i>Bauhinia forficata</i>)	24
Pau-pereira (<i>Geissospermum vellosii</i>)	25
Pau d'alho (<i>Gallesia integrifolia</i>)	26
Urucuzeiro (<i>Bixa orellana</i>)	28

REFLORESTAMENTO E USOS NA CONSTRUÇÃO

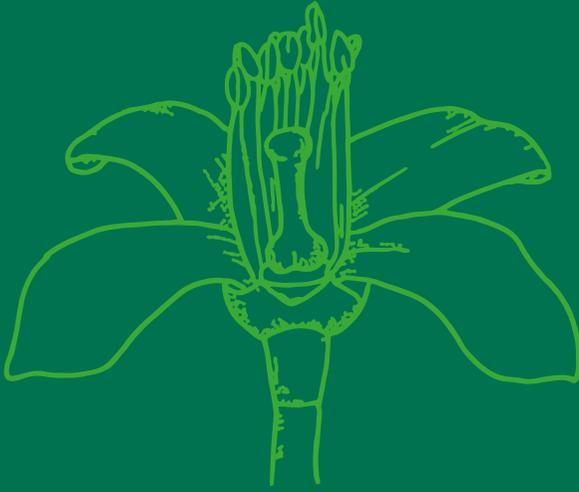
Caixeta (<i>Tabebuia cassinoides</i>)	32
Camboatá (<i>Cupania oblongifolia</i>)	33
Carrapeta (<i>Miconia cinnamomifolia</i>)	33
Guapuruvu (<i>Schizolobium parahybae</i>)	35
Pau-jacaré (<i>Piptadenia gonoacantha</i>)	37

CURIOSIDADES E OUTROS USOS

Baobá (<i>Adansonia digitata</i>)	40
Cabaceira (<i>Crescentia cujete</i> L.)	42
Jabuticabeira (<i>Myrciaria cauliflora</i>)	45
Jequitibá (<i>Cariniana legalis</i>)	46
Embaúba (<i>Cecropia pachystachya</i>)	48
Paineira (<i>Chorisia speciosa</i>)	50
Sapucaia (<i>Lecythis pisonis</i>)	51

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Bananeira (<i>Musa spp</i>)	54
Guandu (<i>Cajanus cajan</i>)	56
Palmeira Brejaúva (<i>Astrocaryum aculeatissimum</i>)	58





Usos culinários, medicinais e espirituais

Aroeira

NOME CIENTÍFICO

Schinus terebinthifolius Raddi

OUTROS NOMES POPULARES

aroeira de remédio, árvore-da-pimenta, aroeira-de-sabiá, aroeira rasteira e aroeira vermelha.



Suas sementes são as pimentas rosas e vermelhas, usadas para fins gastronômicos, medicinais e espirituais. Seus frutos atraem muitos passarinhos.

Importante não confundi-la com a aroeira-brava, bugreiro, aroeira-branca, aroeirinha, aroeira-do-brejo, aroeira-da-capoeira (*Lithraea brasiliensis*) que, como seu nome sugere, pode ser tóxica e causar dermatite de contato.

USO MEDICINAL

Anti-inflamatório. Suas folhas são usadas contra hemorragia uterina e sua casca para lavagem do útero.

USO ESPIRITUAL

Banho para tirar miasma, olho-grande, inveja e cansaço. É também considerada uma árvore dos pretos velhos e de Exú.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Paulinho Martins e Sandro Santos do quilombo Cafundá Astrogilda, Adilson Almeida do quilombo do Camorim.

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 56. Rio de Janeiro, 2014.

CARDOSO, J. H.; SILVEIRA, J. V. da L. Embrapa Clima Temperado Estação Experimental Cascata Área de Sistemas Agroflorestais Espécies Nativas da Encosta da Serra do Sudeste - Aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi). Pelotas: Embrapa, 2010.

Árvore do pão

NOME CIENTÍFICO

Artocarpus altilis

OUTROS NOMES POPULARES

fruta-pão, fruta-de-pão, fruteira-pão e pão-de-massa.

Frondosa e de excelente sombra por suas folhas grandes, possui ademais um fruto abundante com aparência semelhante ao inhame ou cará. É bastante apreciado como alimento.



USOS

A fruta-pão pode ser preparada doce, como em bolos, ou salgada, cozida como batata.



FONTES

Conhecimento compartilhado por Tati Mesquita do quilombo Cafundá Astrogilda

Cambucá

NOME CIENTÍFICO

Plinia edulis

OUTROS NOMES POPULARES

cambucazeiro e cambucá-verdadeiro.

Sua fruta amarela, também conhecida como “cabeludinha”, nasce no tronco como a jabuticaba. A fruta pode ser consumida *in natura* ou em geleias, e é atrativa para pássaros.



FONTES

Conhecimento compartilhado por Adilson Mesquita Jr e Paulinho Martins do Quilombo Cafundá Astrogilda.



Carobinha

NOME CIENTÍFICO

Jacaranda caroba

OUTROS NOMES POPULARES

caraúba, jacarandá-caroba e caroba.



USO MEDICINAL

Suas folhas são usadas em chá e em banho com fins dermatológicos, como para amenizar coceiras e curar feridas. Esta árvore também é procurada para sanar males do sangue e do estômago.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Maria Lúcia dos Santos Mesquita do quilombo Cafundá Astrogilda.

Eucalipto

NOME CIENTÍFICO

Eucalyptus globulus

OUTROS NOMES POPULARES

eucalipto-comum e
eucalipto-da-Tasmânia.



USO MEDICINAL

Folhas usadas através da vaporização para o tratamento de sinusite e outras doenças respiratórias.

MODO DE PREPARO

Ferver água com algumas folhas de eucalipto. Inclinar o rosto a uma distância segura do calor e inalar com uma toalha sobre a cabeça para concentrar o vapor.

USO ESPIRITUAL

Suas folhas são usadas para fazer um banho para a limpeza de miasmas e eliminação de energias negativas.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Maria Lúcia dos Santos Mesquita e Paulinho Martins do quilombo Cafundá Astrogilda.

Figueira Branca

NOME CIENTÍFICO

Ficus guaranitica

NOMES POPULARES

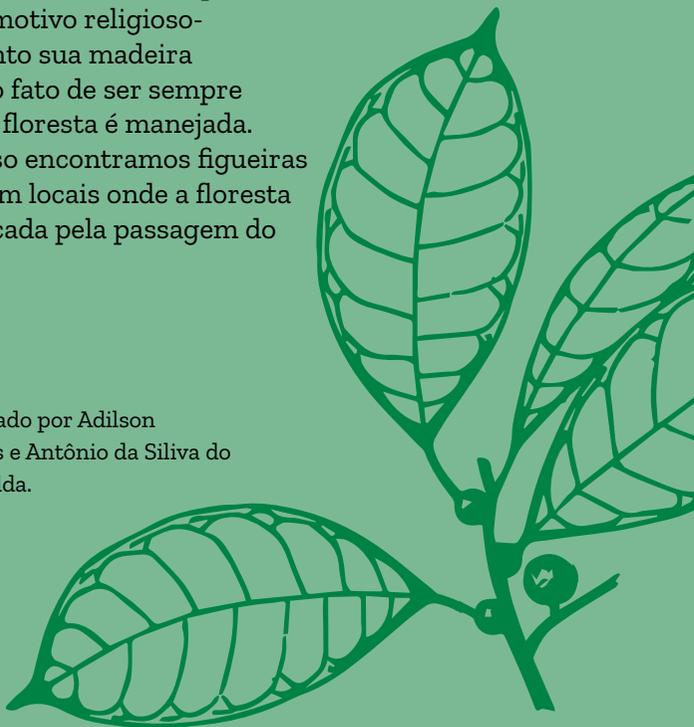
figueira-da-pedra, mata-pau e gameleira.

Segundo as religiões afro-brasileiras, não se deve cortar nem sequer um ramo desta árvore sem a prévia permissão espiritual, concedida pelo próprio orixá através do sacerdote ou sacerdotisa. Assim como também é espiritualmente desaconselhável abraçar seu tronco ou sentar-se sob sua sombra sem prévia autorização, e muito menos ficar debaixo de sua copa à noite.

Sabe-se, porém, que sua madeira é duríssima, o que também poderia ser um motivo para não cortá-la. Tanto o motivo religioso-mítico-espiritual quanto sua madeira resistente justificam o fato de ser sempre poupada quando uma floresta é manejada. Provavelmente por isso encontramos figueiras centenárias, mesmo em locais onde a floresta foi totalmente modificada pela passagem do homem.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Adilson Mesquita Jr, Sandro Santos e Antônio da Siliva do quilombo Cafundá Astrogilda.



SIMBOLOGIA PARA OS POVOS DE MATRIZ AFRICANA

A figueira é a morada de alguns orixás e divindades e está associada à lenda de Iroko, a própria representação da dimensão Tempo. Segundo a tradição, foi a primeira árvore plantada por Zâmbi e pela qual todos os restantes orixás desceram à Terra. Iroko então é o comandante de todas as árvores sagradas, é a árvore do Senhor do Céu.

SIMBOLOGIA PARA O CRISTIANISMO

No dia depois de sua entrada triunfal em Jerusalém, Jesus estava caminhando e ficou com fome, quando viu uma figueira com folhas e procurou por figos. Porém, não era estação de figos, e não encontrou nada (Marcos 11:12-14). Jesus então amaldiçoou a figueira para que nunca mais desse frutos. No dia seguinte, a figueira estava completamente seca, desde a raiz.

“Em quase todas as passagens do Antigo Testamento nas quais a figueira é mencionada, ela vem associada à ideia de preservação, de proteção e de acolhimento – material ou espiritual (Reis 1, 4; Marcos 2, 12; João 1, 48-49). Por outro lado, em Mt 21, 18-22, Jesus amaldiçoa uma figueira que não dá fruto, agregando um outro significado à figueira, ou seja, a expectativa de frutificação da sua obra, derivando daí a nossa responsabilidade pela preservação da criação e dos seus símbolos sagrados, dentre eles a figueira. Por todas estas razões, desde a criação do mundo e a partir da sua presença no jardim do Éden, a figueira ocupa um lugar especial no imaginário humano, pois foi com as suas folhas que Adão e Eva se cobriram quando descobriram a sua humanidade (Gênesis 3, 7).

Reconhecida em diversas tradições culturais como uma família que possui indivíduos soberanos, alguns por apresentarem copas frondosas que podem abrigar muitos e outros por produzirem frutos doces, abundantes e repletos de sementes, que germinarão uma profícua descendência, a figueira (neste caso, *Ficus carica*), na cultura judaico-cristã simboliza a casa do Senhor na natureza e, portanto, uma das moradas do sagrado na floresta do inconsciente coletivo do mundo ocidental moderno.”

(CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 427 apud DA FONSECA; DE OLIVEIRA, 2010, p. 13)

Goiabeira

NOME CIENTÍFICO

Psidium guajava L

Todo mundo conhece sua fruta, e atire a primeira pedra quem nunca mordeu uma goiaba e encontrou lá dentro um bichinho pela metade. Comer goiaba do pé é aceitar o risco de que ali possivelmente habitam outras vidas, e a graça é justamente a incerteza. Além de sua fruta, a goiabeira também tem valor medicinal.

USO MEDICINAL

Usa-se o broto de suas folhas para fazer chá ou para mascá-lo, com o fim de amenizar ou curar diarreia.

FONTES

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 59. Rio de Janeiro, 2014.



Jatobá

NOME CIENTÍFICO

Hymenaea courbaril

OUTROS NOMES POPULARES

jari, farinheira, árvore-copal, castanheiro-de-bugre, jatí, óleo-de-jataí, burandá, courbaril, farinheira, imbiúva, jataí, jataí-açu, jataí-amarelo, jataí-ibá, jataí-peba, jataí-roxo, jataí-vermelho, jataíba, jataíca, jatobá-amarelo, jatobá-de-anta, jatobá-da-caatinga, jatobá-do-sertão, jatobazinho, quebra-facão, jatobá-da-mata, jatobá-de-porco, jatobá-de-vaqueiro, jatobá-mirim, jatobá-miúdo, jatobá-roxo, jitaí, jutaí, jutaí-açu, jutaí-de-envira, jutaí-mirim, jutaí-pororoca, jutaíba.

Árvore de excelente madeira de lei.



USO MEDICINAL

A partir de sua seiva, faz-se o vinho de jatobá, um fortificante. Sua casca é também utilizada na medicina popular para preparo de xarope antigripal.

FONTES

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Jatobá *Hymenaea courbaril* var. *stillbocarpa*, Embrapa, v.1.

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p.60. Rio de Janeiro, 2014.

DE OLIVEIRA, R. R. As marcas do homem na floresta. História ambiental de um trecho urbano de mata atlântica. Editora PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2010.

Jaqueira

NOME CIENTÍFICO

Artocarpus heterophyllus

Árvore de grande porte com frutos enormes e abundantes que nascem do tronco. É fácil identificar uma jaqueira, se não for olhando para cima, será olhando para o chão, com os frutos caídos abertos, se desintegrando na serapilheira do solo.

Há três variedades: a jaca-mole, a dura e a manteiga. A primeira de frutos menores e mais suaves; a segunda de frutos maiores e com consistência mais rígida; a última com consistência intermediária.



USO CULINÁRIO

A jaca pode ser consumida madura e doce, tanto natural quanto em preparações açucaradas. Quando verde (principalmente a jaca-dura) é excelente para fazer "carne-de-jaca" com a polpa, ou na preparação das sementes que, uma vez cozidas e descascadas, têm a consistência de um feijão gigante.

Uma jaqueira certamente alimenta uma comunidade.

FONTE

PATRO, Raquel. Jaca – *Artocarpus heterophyllus*. Jardineiro.net, 2018. Disponível em <https://www.jardineiro.net/plantas/jaca-artocarpus-heterophyllus.html>. Acesso em 5 de julho de 2022.

Laranja-da-terra

NOME CIENTÍFICO

Citrus aurantium L

OUTRO NOME POPULAR

laranja-azedada.

Além de ser usada para fazer doces e quitutes, também possui propriedades medicinais.



USO MEDICINAL

Suas folhas são usadas para chá antigripal.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Tati Mesquita do quilombo Cafundá Astrogilda.

BAZZANELLA, A.; GOUVEIA, J. S. de. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/ RJ. p. 57. Rio de Janeiro, 2014.



Pata-de-vaca

NOME CIENTÍFICO

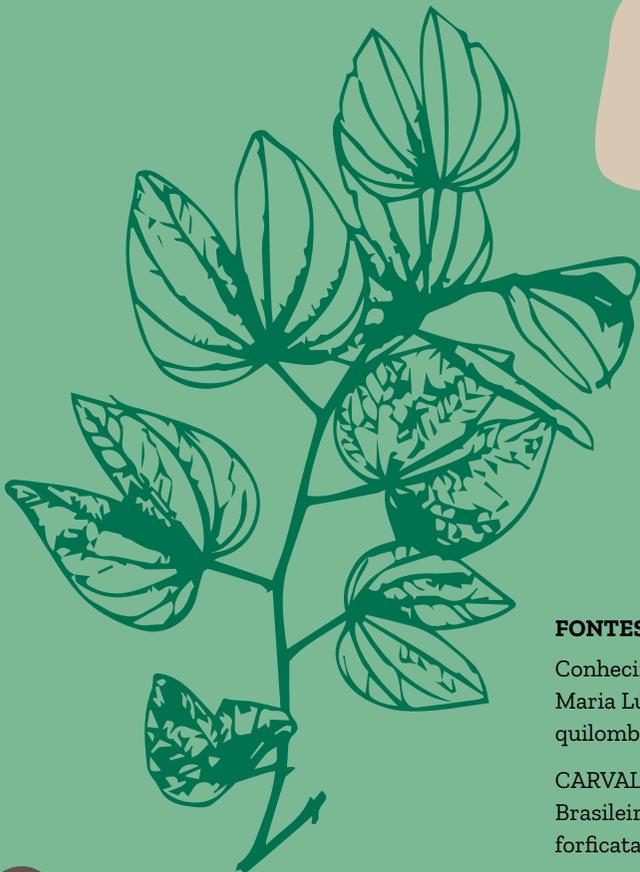
Bauhinia forficata

OUTROS NOMES POPULARES

unha-de-vaca, mão-de-vaca, pata-de-boi, unha-de-boi, bauínia, miroró, mororó, capa-bode-grande, casco-de-vaca, mororó-de-espinho, o; pata-de-vaca-branca, pata-de-vaca-com-espinho, unha-de-vaca-de-espinho, unha-d'anta, unha-de-boi.

USO MEDICINAL

Folhas usadas
contra diabetes.



FONTES

Conhecimento compartilhado por Maria Lúcia dos Santos Mesquita do quilombo Cafundá Astrogilda.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Pata-de-Vaca. Bauhinia forficata, Embrapa, v.1.

Pau-pereira

NOME CIENTÍFICO

Geissospermum vellosii

OUTROS NOMES POPULARES

pereiro, folha de bolo.

USO MEDICINAL

Chá antigripal
feito das rasas
da madeira.

USO CULINÁRIO

Sua casca também
é utilizada para
condimentar cachaças.



FONTES

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p.60. Rio de Janeiro, 2014.

DE OLIVEIRA, R. R. As marcas do homem na floresta. História ambiental de um trecho urbano de mata atlântica. Editora PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2010.

Pau d'alho

NOME CIENTÍFICO

Gallesia integrifolia

NOMES POPULARES

guararema, gurarema, guarema, pau-de-mau-cheiro, ubaeté, árvore-de-alho, catinga-de-gambá, pau-fedorento, cebolão, gororema, cipó-d'alho, gereba, guarazema, gorarema, imbirema, imburacema, gorazema, guararema, ibiracema, ibirarema, ubirarema, ivirarema, jandiparama, jandiparanduba, muirarema, pau-d'alho-verdadeiro, ubaeté e ubirarema-pau-d'alho.



O pau d'alho, como seu nome sugere, possui fortíssimo odor de alho e, tal qual o próprio alho, possui também características inseticidas.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Tati Mesquita e Adilson Mesquita Jr do quilombo Cafundá Astrogilda.

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 56 e 58. Rio de Janeiro, 2014.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Pau-D'alho. *Gallesia integrifolia*, Embrapa, v.1.



USO MEDICINAL

CONTRA A CASPA

Infundir em água as cinzas do tronco queimado. Quando as cinzas se depositarem no fundo do recipiente, deve-se lavar o cabelo com a água que estiver acima já sem os resíduos de cinza.

CONTRA PARASITAS

Com suas folhas prepara-se uma água para banhar cachorros e outros animais, a fim de eliminar pulgas e carrapatos.

Alguns galhos no galinheiro também espantam pequenos parasitas, como pulgas e piolhos de galinha.

CONTRA INSETOS E ANIMAIS PEÇONHENTOS

Nas casas também era comum, para espantar mosquitos, espalhar galinhos de pau d'algo pelos cantos dos quartos, além de colocá-los debaixo dos colchões e travesseiros a fim de afastar animais peçonhentos, como aranhas e escorpiões.

Urucuzeiro

NOME CIENTÍFICO

Bixa orellana

OUTRO NOME POPULAR

urucueiro.

Seu fruto, o urucum, possui sementes de intensa coloração vermelha.



USO CULINÁRIO

Suas sementes, depois de moídas ou trituradas, são conhecidas como colorau, popularmente usado para dar cor a pratos, como arroz, linguiça caseira, frango, entre outros.

USO MEDICINAL

As sementes possuem propriedades cicatrizantes.



FONTES

Conhecimento compartilhado por Maria Lúcia dos Santos Mesquita e Paulinho Martins do quilombo Cafundá Astrogilda.



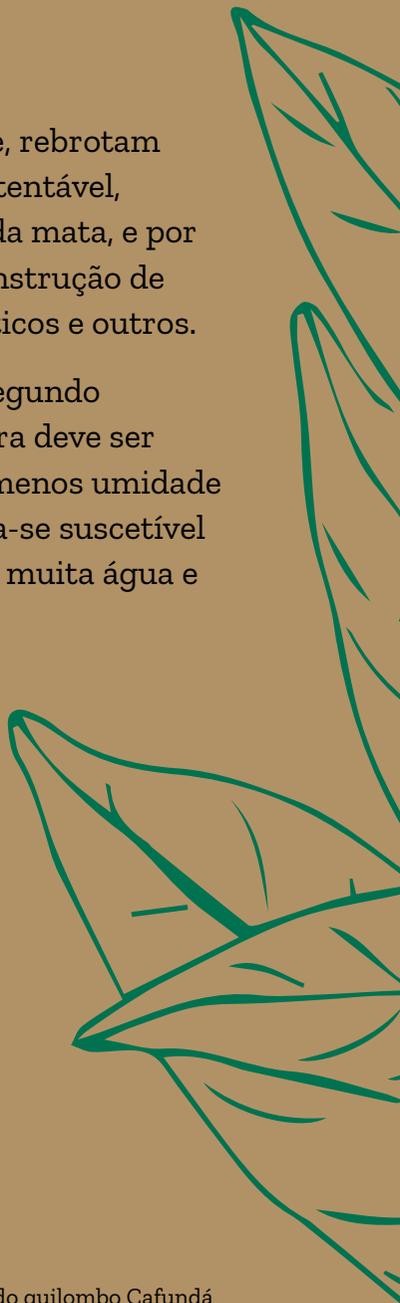
Árvores que, se cortadas corretamente, rebrotam facilmente. Desta forma, seu uso é sustentável, auxiliando o ciclo de reflorestamento da mata, e por isso foram sempre aproveitadas na construção de casas e na feitura de utensílios domésticos e outros.

Aqui é importante ter em conta que, segundo recomendações dos locais, toda madeira deve ser colhida na lua minguante, quando há menos umidade no tronco. Na lua nova a madeira torna-se suscetível à broca, enquanto na lua cheia contém muita água e tende a apodrecer.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Adilson Mesquita Jr do quilombo Cafundá Astrogilda.

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 27. Rio de Janeiro, 2014.





**Reflorestamento
e usos na
construção**

Caixeta

NOME CIENTÍFICO

Tabebuia cassinoides

OUTROS NOMES POPULARES

caxeta, pau-viola, tamanqueira, pau-de-tamanco, tamancão, tamanqueiro, caixeta-branca, caixeta-falsa, caixeta-do-litoral, ipê-caxeta, caixeta-vermelha, corticeira, ipê-branco, malacaxeta, pau-caixeta, pau-caxeta, pau-paraíba, pau-d'arco-amarelo, pau-d'arco-branco, pau-d'arco-roxo, pelada, tagibebuia, taiavevuia, peroba-d'água, tabebuia, tabebuia-do-brejo, tabeuia, tabebuia-do-brejo, tabibuia, pau-paraíba, tagibibuia, tagibubuia e taiavovuia.



Por possuir uma madeira leve e pouco densa, fácil de talhar, a caixeta é usada também para construção de utensílios e instrumentos musicais.

Foi também muito utilizada para fazer tamancos, o que justifica alguns de seus nomes populares.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Adilson Mesquita Jr do quilombo Cafundá Astrogilda.

Caixeta. Um Pé de Quê, 2010. Disponível em <http://umpedeque.com.br/arvore.php?id=667>. Acesso em 26 de junho de 2022.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Caixeta. *Tabebuia cassinoides*, Embrapa, v.1.

Camboatá

NOME CIENTÍFICO

Cupania oblongifolia

OUTROS NOMES POPULARES

pau-magro, caboatã, assa-leitão, camboatá, cragoatã, camboatã, cambuatá, gragoatã, gragoatã, pau-de-cantil, cambratã, curantã, cuvatã, cuvantã, miguel-pintado, pingaleira, arco-de-peneira, covatã, cuvantã, arco-de-pipa e pau-de-espeto.



CURIOSIDADE

Segundo os habitantes locais, provavelmente era desta árvore que indígenas da região faziam seus arcos e flechas, uma vez que ela seca sem enfraquecer.

Além disso, pode servir de esteio se a parte enterrada for antes queimada ou besuntada com óleo.

OUTROS USOS

Sua madeira também era usada na fabricação de bодоques e berimbaus.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Adilson Mesquita Jr do quilombo Cafundá Astrogilda.

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 27 e 45. Rio de Janeiro, 2014.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Cuvatã. *Cupania vernalis*, Embrapa, v.2.

Carrapeta

NOME CIENTÍFICO

*Miconia
cinnamomifolia*

OUTROS NOMES POPULARES

carrapeta-verdadeira,
carvalho-vermelho,
casca-de-arroz, guaratã,
jacatirão, jacatirão-de-
casca-lisa; jacatirão-
de-copada, jacatirão-
guaçu, jacatirão-miúdo;
jaguatirão, jaquetirão,
vassoura, vassoura-mansa,
vassourão, vassourinha,
nhacatirão, quaresma-
branca, quaresminha,
quaresmeira.

FONTES

Conhecimento compartilhado por
Adilson Mesquita Jr e Paulinho Martins
do quilombo Cafundá Astrogilda.

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S.
Estudos de Ecologia Social na Região de
Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/
Recreio dos Bandeirantes - Dados
Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 27.
Rio de Janeiro, 2014.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas
Brasileiras. Jacatirão-Açu. *Miconia
cinnamomifolia*, Embrapa, v.1.



CURIOSIDADES

Sua madeira era utilizada na construção de casas, enquanto o fruto servia como brinquedo por possuir formato de pião. Devido ao crescimento rápido, esta espécie era usada para a produção de carvão, bem como na feitura de esteios e cabos de ferramentas.

Guapuruvu

NOME CIENTÍFICO

Schizolobium parahybae

OUTROS NOMES POPULARES

baageiro, bacuru, bageiro, ficha, guapiruvu, pau-de-canoa, bacumbu, bacuparu, bacurubu, bacurubu-ficheira, bacuruva, bacuruvu, gapuruvu, garapuvu, igarapobu, bandararra, guapururru, beri, birosca, breu, guaperuvu, bocurubu, bucuruva, espanador-do-céu, fava-divina, faveira, faveiro, ficheira, ficheiro, gabiruvu, garapuva, guaburuvu, guaperubu, guapivuçu, guaporuva, guapububu, guapurubu, guarapuvu, guavirovo, paricá, pataqueira, pau-vintém, pau-de-tambor, pau-de-vintém, pinho, pino, pinho-branco e piroasca.



CURIOSIDADES

É uma das árvores de desenvolvimento mais rápido da Mata Atlântica, podendo crescer até 2 metros de altura por ano.

Sua madeira era usada pelos indígenas para construção de canoas e os caixaras ainda hoje são mestres nessa arte.



FONTES

Conhecimento compartilhado por Sandro Santos do quilombo Cafundá Astrogilda.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Guapuruvu. *Schizolobium parahybae*, Embrapa, v.1.



Pau-jacaré

NOME CIENTÍFICO

Piptadenia gonoacantha

OUTROS NOMES POPULARES

angico, angico-branco, camboeteiro, camoeteiro, serreiro, caniveteiro, monjolo, casco-de-jacaré, icarapé, jacaré e monjoleiro.

CURIOSIDADES

Possui uma casca que lembra a pele do jacaré, com pontas no dorso.

Sua madeira pode servir para esteios se a parte enterrada for antes queimada ou besuntada com óleo.



FONTES

BAZZANELLA, A.; DE GOUVEIA, J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 27. Rio de Janeiro, 2014.

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Pau-Jacaré. *Piptadenia gonoacantha*, Embrapa, v.1.





Curiosidades e outros usos

Baobá

NOME CIENTÍFICO

Adansonia digitata

OUTROS NOMES POPULARES

árvore-da-vida, embondeiro, imbondeiro, calabaceira, árvore-dos-mil-anos, árvore-garrafa.



CURIOSIDADES

O baobá é originário das regiões centro e sul do continente africano. Gigante e majestoso, também conhecido como árvore da vida, representa a raiz dos povos africanos. Por isso, como símbolo de ancestralidade, tem grande importância simbólica no que tange aos antepassados da África e seu legado histórico.

Foi com isso em mente que Adilson, liderança do quilombo do Camorim, começou a plantar alguns baobás no território quilombola. Por enquanto há três pequenos, já na terra. O mais antigo foi semeado por Adilson com sementes que vieram de Madagascar e transferido para seu lugar definitivo no solo do quilombo do Camorim em 2019.

FONTE

Conhecimento compartilhado por Adilson Almeida do quilombo do Camorim.





Cabaceira

NOME CIENTÍFICO

Crescentia cujete L

OUTROS NOMES POPULARES

cuité, coité, cabaça, cuieira, árvore da cuia, cina, cuia e cujete.

Árvore cujo fruto é a cabaça: bastante grande e chamativa, semelhante a uma melancia pendurada nos galhos.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Sandro Santos do Quilombo Cafundá
Astrogilda

BAZZANELLA A.; DE GOUVEIA J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 60. Rio de Janeiro, 2014.



USO CULINÁRIO

Suas sementes podem ser consumidas cozidas ou torradas.

USO MEDICINAL

Na medicina popular é usada como antidiarreica, analgésica, antiasmática, além de suas folhas terem aplicações purgativas. Terapeuticamente tem indicações como antibiótico, anti-hemorrágico, anti-inflamatório, analgésico e antialérgico, entre outros usos. O chá das folhas é recomendado contra dores na coluna, enquanto se usa a polpa no preparo de xaropes.

OUTROS USOS

Uma herança cultural dos povos originários é o uso da cabaça como matéria-prima na criação de utensílios e artesanato. Esse fruto, depois de seco, ainda hoje se transforma em recipientes domésticos (como vasilhas, pratos e colheres rústicas) e instrumentos musicais (chocalhos, berimbaus e corpo de violas).



Jabuticabeira

NOME CIENTÍFICO

Myrciaria cauliflora



CURIOSIDADES

No quilombo do Camorim existe uma jabuticabeira centenária. Depois de estudos dendrocronológicos, estima-se que em 2022 ela esteja completando 153 anos. Alta, com galhos longos e cobertos por cogumelos espontâneos, ganhou o nome de Senhora.

Adilson, liderança do quilombo do Camorim, conta que segue o preceito dos três caminhos: a ancestralidade, resgatada através dos trabalhos de escavação e arqueologia no território quilombola; a reconstrução, que passa principalmente pela missão de recuperar a vegetação nativa e conservar os saberes dos antigos; e a jabuticabeira Senhora que é o ponto de encontro entre os outros dois no quilombo do Camorim.

FONTE

Conhecimento compartilhado por Adilson Almeida do quilombo do Camorim

Jequitibá

NOME CIENTÍFICO

Cariniana legalis

OUTROS NOMES POPULARES

caixão, coatinga, congolo-de-porco, cravinho-branco, estopa, jequitibá-de-agulheiro, jequitibá-branco, jequitibá-cedro, jequitibá-grande, jequitibá-rei, jequitibá-vermelho, pau-caixão, pau-carga, pau-de-carga, sapucaia-de-apito, pau-de-cerne e sapucaia-de-assovio.



CURIOSIDADES:

No quilombo Dona Bilina há um exemplar que resistiu aos três grandes ciclos do café, do carvão e da laranja. Árvore imponente, destaca-se no meio da mata com sua enorme copa com 15 metros de circunferência. Segundo os locais, possui centenas de anos e viu muitas gerações se criarem aos seus pés.

Seu fruto cilíndrico era usado para fazer pitos e cachimbos.

FONTES

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Jequitibá-Rosa. *Cariniana legalis*, Embrapa, v.1.

Jequitibá. Um Pé de Quê, 2010. Disponível em <http://umpedeque.com.br/arvore.php?id=614>. Acesso em 26 de junho de 2022.

Histórico da Comunidade Remanescente de Quilombola Dona Bilina da Serra do Rio da Prata de Campo Grande. Antigo Rio da Prata, 2017. Disponível em <https://antigorioprata.blogspot.com/2017/04/historico-da-comunidade-remanescente-de.html>. Acesso em 28 de junho de 2022.





Embaúba

NOME CIENTÍFICO

Cecropia pachystachya

OUTROS NOMES POPULARES

umbaúba, toré, torém, embaúva, embauveira, imbaúba, umbaubeira, bonequeiro, árvore-da-preguiça, embaúva-do-brejo, preguiceira.

FONTES

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Embaúba. *Cecropia pachystachya*, Embrapa, v.2.

Embaúba-vermelha. Um Pé de Quê, 2010. Disponível em <http://www.umpedeque.com.br/arvore.php?id=600>. Acesso em 26 de junho de 2022.

BAZZANELLA A.; GOUVEIA J. S. de. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/ RJ. p. 28. Rio de Janeiro, 2014.

CURIOSIDADES

Alta e esguia, a embaúba é facilmente distinguível no meio da mata, com folhas grandes bastante características - o principal alimento do bicho-preguiça. Em seu tronco oco habitam formigas do gênero *Azteca*, cuja mordida possui uma substância antirreumática considerada remédio na medicina popular.

A embaúba germina e cresce com sol pleno, o que faz desta árvore uma espécie presente em clareiras e focos de desmatamento, sendo assim agente espontâneo de reflorestamento.

USO MEDICINAL

Faz-se chá das folhas contra hipertensão.

OUTROS USOS

Na construção de casas, seu tronco era também usado como caibro do telhado.



Paineira

NOME CIENTÍFICO

Chorisia speciosa

OUTROS NOMES POPULARES

árvore-de-paina, árvore-de-lã, paineira-de-espinho, barriga-d'água, bomba-d'água, barriguda, paina, paina-de-seda.



CURIOSIDADES

A paineira possui um fruto que, quando verde, se parece com o mamão, mas que, diferentemente, tem casca duríssima e não é comestível. Ao amadurecer, a casca se torna marrom e se abre, deixando à mostra o seu interior de sementes envoltas na paina, o tesouro da paineira, uma fibra com consistência de algodão. Uma vez aberto o fruto, a paina é levada facilmente pelos ventos, assim espalhando suas sementes pela mata. Por sua textura macia e abundante em cada fruto, era usada para rechear travesseiros e almofadas.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Tati Mesquita do quilombo Cafundá Astrogilda

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Paineira. *Chorisia speciosa*, Embrapa, v.1.

Sapucaia

NOME CIENTÍFICO

Lecythis pisonis

OUTROS NOMES POPULARES

sapucaia-de-pilão,
castanha-de-sapucaia,
cambuca-de-macaco,
castanha-sapucaia, combuca-
de-macaco, marmitta-de-macaco,
sapucaia-vermelha, caçamba-de-
macaco, caçambeira, castanha-sapucaia,
castanheira, cumbuca-de-macaco,
marmiteira, coco-de-sapucaia.



**“Macaco velho
não mete
a mão em
cambuca.”**

CURIOSIDADE

O fruto da sapucaia é como um coquinho oco e duro, recheado de castanhas. Quando está maduro, cai sua “tampa” (opérculo) e fica aberto como uma cumbuquinha cheia dessas sementes. Porém, esse orifício é pequeno, por isso alguns macacos maiores evitam meter a mão aí, que ficaria presa.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Adilson Mesquita Jr e Paulinho Martins do quilombo Cafundá Astrogilda

CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Sapucaia. *Lecythis pisonis*, Embrapa, v.2.

Conversando com Adilson Jr do quilombo Cafundá Astrogilda sobre esta cartilha, comentamos sobre nossa intenção de inserir palmeiras e bananeiras. E, corretamente, segundo a classificação botânica do que é uma árvore, "vegetais de grande porte com tronco lenhoso", Adilson pontuou que essas não poderiam fazer parte da cartilha por não serem botanicamente "árvores".

Então, como forma de cumprir a proposta desta cartilha, mas sem deixar de fora algumas espécies interessantes, criamos a categoria Participações Especiais, com espécies que não são árvores, mas que, além de terem porte semelhante, possuem grande importância para as comunidades por seus diversos usos e presença nas histórias locais.





Participações Especiais

Bananeira

NOME CIENTÍFICO

Musa spp

Bananeiras não são árvores, mas tecnicamente plantas herbáceas vivazes ou ervas gigantes, já que não possuem tronco lenhoso e sim um tronco "falso" (pseudocaule), formado pela base de suas próprias folhas. Porém conquistaram merecidamente uma participação especial aqui devido à grande importância nas comunidades locais, tanto economicamente pela comercialização, quanto pelos diversos usos e reaproveitamento de toda a planta.

Originárias da Ásia, vieram para o Brasil na época das navegações colonizadoras e se adaptaram perfeitamente ao clima tropical úmido da nossa região. Além da popularidade do consumo de seus frutos como alimento, suas folhas e flor (umbigo ou coração), ganharam uso, respectivamente, como palha na feitura de mobiliário e na preparação de alimentos e xarope medicinal contra tosse.

FONTES

Conhecimento compartilhado por Paulinho Martins, Tati Mesquita e Adilson Mesquita Jr do quilombo Cafundá Astrogilda

MORTON, J. Banana. p. 29. In: Fruits of warm climates. Julia F. Morton, Miami, FL, 1987. Purdue University. Disponível em <https://hort.purdue.edu/newcrop/morton/banana.html> . Acesso em 06 de julho de 2022.

Invivo - Museu da Vida Fiocruz, 2021. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/historia/a-historia-da-banana/>. Acesso em 06 de julho de 2022.

DELECAVE, Bruno. Bananas de todas as qualidades. Invivo - Museu da Vida Fiocruz, 2021. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/biodiversidade/bananas-de-todas-as-qualidades/>. Acesso em 06 de julho de 2022.

DELECAVE, Bruno. Yes, nós temos banana. Invivo - Museu da Vida Fiocruz, 2021. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/biodiversidade/yes-nos-temos-banana/>. Acesso em 06 de julho de 2022.

XAROPE CONTRA BRONQUITE

MODO DE PREPARO

Deve-se cortar o coração de banana em fatias finas e colocá-lo sobre uma cama de açúcar mascavo na panela de barro.

O chá de suas folhas melhora o funcionamento dos rins.

USO MEDICINAL

Contra bronquite e pedras nos rins.

OUTROS USOS

A palha de suas folhas secas é usada para forrar colchões caseiros, além da confecção de esteiras.

CURIOSIDADES

A variedade selvagem vermelha (*Musa acuminata*) ainda é cultivada por alguns moradores do Cafundá Astrogilda - até o momento não para uso comercial, mas consumo próprio - o que é uma forma de conservá-la e proteger do desaparecimento.

Segundo relatos, a bananeira também era usada em brincadeiras. Desfiando as folhas em fibras bem finas, confeccionavam-se perucas e fantasias para a diversão das crianças.

Outro uso das folhas de bananeira era para bater um chão de terra mais liso. Espalha-se o barro no piso, que é então forrado com folhas de bananeira e depois batido com um pilão.

AMORIM, Bruno. A história da banana. Invivo - Museu da Vida Fiocruz, 2021. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/historia/a-historia-da-banana/>. Acesso em 06 de julho de 2022.

BAZZANELLA A.; DE GOUVEIA J. S. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/RJ. p. 30 e 45. Rio de Janeiro, 2014.



Guandu

NOME CIENTÍFICO

Cajanus cajan

OUTROS NOMES POPULARES

ervilha-de-angola, ervilha-do-congo, feijão-de-árvore.

Assim como a bananeira, o guandu não é uma árvore, mas se enquadra na categoria leguminosa arbustiva. Sua presença também tem grande importância na comunidade mas, neste caso, como alimento espontâneo, recolhido de forma extrativista na mata.



FONTES

Conhecimento compartilhado por Paulinho Martins e Tati Mesquita do quilombo Cafundá Astrogilda

CAVALCANTE, A. V.; ZORAT, S. *Cajanus cajan* (L.) Millsp. Unirio. Disponível em <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/cajanus-cajan-l-millsp>. Acesso em 05 de julho de 2022.

"Debulhar feijão faz a união da família."

Paulinho Martins



HISTÓRIA

Tati conta que sua genitora, mãe-solo, entrava na mata para coletar os alimentos da semana para a família - e o guandu era um deles. Em casa, juntava as crianças para retirar das vagens os grãosinhos de guandu, em um momento de reunião familiar. Esse trabalho coletivo era, na casa de Tati, recompensado por algum outro alimento. Sua mãe dava às crianças ovos ou uma espiga de milho como retribuição, fazendo jus à cultura de troca ou escambo, alimentada desde cedo na comunidade quilombola.

MODO DE PREPARO

O guandu é como um feijão pequeno de gosto amargo. É necessário fervê-lo e trocar sua água algumas vezes antes do consumo, garantindo que perca um pouco o amargor.

Palmeira Brejaúva

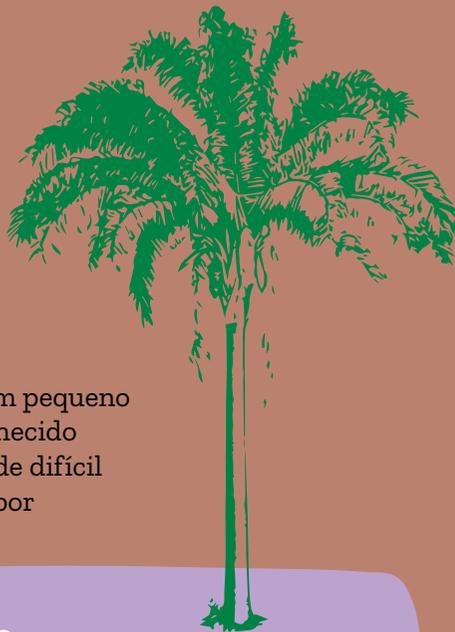
NOME CIENTÍFICO

Astrocaryum aculeatissimum

OUTROS NOMES

ariri, ariri-açu, coco-airi e iri.

São consumidos tanto seu fruto, um pequeno coquinho, quanto seu palmito, conhecido como "palmito doce", considerado de difícil extração pois tem o caule coberto por espinhos.



OUTROS USOS

Seu tronco, após a retirada dos espinhos, resulta em duas ou quatro ripas de madeira escura altamente resistente, também usada para construção de casas. É aplicado tanto como varas retas para tapar vãos, tecendo uma estrutura entre os esteios, quanto no caibro do telhado.

CURIOSIDADE

Pela resistência, sua madeira era a preferida dos indígenas da região, utilizada com diversos usos.

FONTES

BAZZANELLA A.; GOUVEIA J. S. de. Estudos de Ecologia Social na Região de Piabas, Cafundá e Caeté, Vargem Grande/ Recreio dos Bandeirantes - Dados Comparativos, Rio de Janeiro/ RJ. p. 28, 36 e 45. Rio de Janeiro, 2014.

PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR. Brejaúva. *Astrocaryum aculeatissimum*. Infraestrutura Meio Ambiente Governo de São Paulo. Disponível em <https://www.infraestrutura.meioambiente.sp.gov.br/pesm/especie/brejauva/>. Acesso em 04 de julho de 2022.

Minhas árvores

Nome da planta?

Desenho da planta

Época do ano que nasce?

Onde encontrar?

É boa pra quê?

Como plantar?

Como cuidar?

Minhas árvores

Nome da planta?

Desenho da planta

Época do ano que nasce?

Onde encontrar?

É boa pra quê?

Como plantar?

Como cuidar?



Minhas árvores

Nome da planta?

Desenho da planta

Época do ano que nasce?

Onde encontrar?

É boa pra quê?

Como plantar?

Como cuidar?

Minhas árvores

Nome da planta?

Desenho da planta

Época do ano que nasce?

Onde encontrar?

É boa pra quê?

Como plantar?

Como cuidar?

Minhas árvores

Nome da planta?

Desenho da planta

Época do ano que nasce?

Onde encontrar?

É boa pra quê?

Como plantar?

Como cuidar?

Conhecimentos compartilhados por:

Adilson Almeida, Adilson Mesquita Jr, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Paulinho Martins, Sandro Santos, Antônio da Siliva e Tati Mesquita

Organização, pesquisa, elaboração e compilação:

Yasmin Abreu, Sandro Santos, Bruna Távora e Ingrid Pena

Revisão Editorial

Monique Figueira

Projeto Gráfico

Pedro Biz

Imagens

Yasmin Abreu e acervo AS-PTA

ISBN : 978-65-89039-19-8



REALIZAÇÃO



PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

PATROCÍNIO



ISBN : 978-65-89039-19-8